

## Professor Doutor Joaquim Antunes de Azevedo

*Armando Porto*

O Senhor Professor Doutor Joaquim Antunes de Azevedo nasceu em Mosteiró — Vila do Conde, em 1908, e faleceu em Coimbra, em 1988.

Licenciado pela Faculdade de Medicina de Coimbra em Julho de 1932, após um curso recheado de honras académicas, foi convidado para Assistente poucos meses volvidos e veio a doutorar-se em 1947, com a elevada classificação de 19 valores.

Colaborador dedicado durante 25 anos, primeiro da disciplina de Pediatria, depois da de Moléstias Infecciosas e, finalmente, da de Terapêutica Médica Clínica, sempre exerceu a tripla função docente, de investigação e assistencial por forma a merecer os maiores enclóios.

Foi um dos filhos mais insígnies da Universidade de Coimbra, onde se distinguiu não apenas pela sua capacidade intelectual, categoria científica, elevado sentido clínico, mas sobretudo por qualidades humanas que o tornaram uma personalidade singular. Foi um verdadeiro Mestre, querido de todos os seus discípulos e colaboradores.

A partir de 1957, já como Professor Extraordinário de Medicina Interna, foi o responsável pelo ensino e pelo Serviço de Doenças Infecciosas, tendo em 1959 lançado nos Hospitais da Universidade de Coimbra as bases da criação do Centro de Reanimação Respiratória, que viria a revelar-se de importância vital para tão grande número de doentes.

Vem desta época o meu convívio diário com o Senhor Prof. Antunes de Azevedo, depois prolongado no Serviço de Terapêutica Médica, que orientou a partir de Outubro de 1962.

Foi-me possível, durante mais de 10 anos, assim, apreciar e testemunhar, na crueza do dia-a-dia hospitalar, as suas qualidades de universitário e de clínico e, sobretudo, o encanto que emanava da sua figura bondosa, que adivinhava as dificuldades do seu semelhante para imediatamente se dispor a procurar a respectiva solução. Um convívio estreito, de que sempre fui o beneficiário, não permitiu, todavia, compreender na altura toda a grandeza da missão que tão elevadamente desempenhava.

Quando passou a exercer a função de Director Clínico dos IIUC, frequentes impedimentos por motivos oficiais foram-me levando a entender cada vez melhor



o empobrecimento que tais ausências representavam para o Serviço. Todos os seus colaboradores e discípulos sentiram então como era grande a força da sua presença estimulante e tranquilizadora.

Tendo, entretanto, seguindo a lei da vida, eu próprio passado a dirigir outro Serviço Hospitalar, em 1972, quantas vezes recorri ao seu conselho sempre assisado e, antes de decisões, me centrei nos parâmetros em que sabia que o meu Mestre se colocaria em situações idênticas.

Depois foi outro seu colaborador chamado a criar e dirigir mais um Serviço de Medicina em Hospital Geral que dava os primeiros passos em Coimbra. E mais outros que foram alcançando funções de chefia, nunca esquecendo a verdadeira Escola em que foram formados para a Medicina Interna.

O Senhor Prof. Antunes de Azevedo deixou obras valiosas, reflexo do seu fino espírito, vasta cultura científica e sólida formação clínica. Escritas com grande clareza e dedução lógica, ainda agora são lidas com grande proveito.

Boa parte dos seus trabalhos foi dedicada ao aparelho circulatório, tendo sido um atento cultor da Cardiologia Clínica, sem nunca perder o sentido global da Medicina Interna.

Na cidade de Coimbra e em toda a Região Centro de Portugal falar no seu nome era o mesmo que mencionar um grande clínico, um excepcional internista.

Se ser internista é saber avaliar, na sua globalidade, o

doente que sofre, sem departamentações fictícias, para o fazer voltar ao estado de saúde, o Senhor Prof. Antunes de Azevedo foi um dos maiores internistas do seu tempo.

Soube aliar a uma profunda cultura médica, fruto de leitura reflectida, uma prática vivida da integração de todos os dados apreendidos na aplicação mais elevada às necessidades concretas do doente, com vista à sua recuperação total.

Foi Vice-Presidente da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna e testemunhei a alegria com que, em 1983, recebeu a notícia do renascimento da Sociedade a que anteriormente emprestara tanto do seu saber e esforço.

Entre tantas virtudes que o caracterizavam teve uma que a todos enlevava: a de saber estabelecer a concórdia. Se houve na Universidade portuguesa alguém que com ela pode ser exornado, sem dúvida foi o Senhor Prof. Joaquim Antunes de Azevedo.

No exercício da sua actividade clínica deixou bem vincado o contraste entre a Medicina despersonalizada, que tanto se critica, e a Medicina humanizada, de que foi um intérprete fiel.

Sempre se aproximou do médico perfeito, porque soube oferecer aos seus doentes, em harmonia, os re-

ursos do seu intelecto e do seu afecto. Se, quando humanamente possível, lhes não faltou com o diagnóstico exacto e a prescrição correcta, nunca deixou esquecida a palavra de consolação e de esperança que é o melhor bálsamo para o sofrimento.

Foi o médico desinteressado dos seus amigos e famílias e o amigo dedicado de todos os seus doentes, que o veneravam. Não reivindicou os seus direitos, mas nunca esqueceu os seus deveres.

A sua vida foi digna, serena, paciente e fecunda. A sua palavra e os seus conselhos justos e oportunos. Eram excelsas as suas qualidades intelectuais, morais, afectivas, de carácter, de honestidade e de bondade.

Pelo amor que tinha à profissão médica e à Humanidade, traduzido na sua bondade sem limites, e ainda pela sólida preparação e vasta experiência, foi um clínico distintíssimo, de grandes recursos, igualmente admirado e respeitado pela sua rara preocupação e correcção deontológicas.

Ensinou ciência e artes médicas como poucos, curou inúmeros doentes, suavizou sempre a dor alheia. Mas a justiça, a dignidade e a bondade terão sido os maiores atributos do seu espírito de eleição. Foi grande, sobretudo porque foi bom!